

GRUPANALISTA ENTRE O DESEJO E A REALIDADE¹

Teresa Bastos Rodrigues²

Resumo

A perlaboração do grupanalista entendida de um modo bipessoal/multipessoal, se o analista não obtém sucesso na transformação dos elementos do grupo, tem a responsabilidade de se colocar em causa, talvez ele próprio esteja a resistir. A maior contribuição do analista é o working through da posição fóbica.

Palavras-chave: Grupanalista, Perlaboração, Posição fóbica.

GROUP ANALYST, BETWEEN DESIRE AND REALITY

Abstract

The analyst's working through is understood in a bipersonal/multipersonal way. If the group analyst is not successful in the transformation of his patients, he has the responsibility of questioning himself. Perhaps he is the one resisting. The biggest contribution of the analyst to himself and to his patients is the working through of his own phobic position.

Keywords: Group analyst, Working through, phobic position.

GRUPO ANALISTA ENTRE EL DESEO Y LA REALIDAD

Resumen

El working through del grupo analista se entiende de una manera bipersonal/multipersonal. Si el analista no tiene éxito en la transformación de los elementos del grupo, tiene la responsabilidad de se poner en cuestión. Tal vez él esté resistiendo. La principal contribución del analista para ello y sus pacientes es el working through de la posición fóbica.

Palabras-clave: Grupanalista, Working through, Posición fóbica.

¹ Membro da Sociedade Portuguesa de Grupanálise a Portuguesa de Grupanálise (SPG).

² Psicóloga, Grupanalista.

GRUPANALISTA ENTRE O DESEJO E A REALIDADE

A presente comunicação visa abordar o grupanalista na sua interacção com os grupanalisandos. Em particular, foca o interior do grupanalista perante a realidade. Os seus desejos, os seus impulsos e a forma como os contém, como os perlabora.

Aplicando o saber de Freud (1937, pp. 235-240, Vol. XXIII), um candidato a grupanalista termina a sua análise quando atinge três pressupostos: 1) Os traumas que vivenciou já não o influenciam de forma patológica; 2) Já não apresenta sintomas e conseguiu ultrapassar as suas ansiedades e inibições; 3) O seu grupanalista didacta está convencido de que grande parte do material reprimido/recalcado se tornou consciente, que o incompreensível já é compreensível, que a maior parte das resistências foram vencidas e, que haverá fortes probabilidades de não se repetir um processo patológico.

Será? Poderá o grupanalista ter tantas certezas? E os seus pontos cegos? E os do grupanalizando? Claro que se tenta obter uma grande aproximação dos objectivos estabelecidos por Freud, para que a *alta grupanalítica* se dê, mas certezas nunca as poderemos ter. Para que se estabeleça uma aproximação assintótica destes objectivos há a necessidade de grupanalises longas e intensas. As alterações do ego, agora mais forte, pelo domínio sobre a força dos instintos, são algo a verificar a longo prazo, caso contrário corre-se o risco de presenciar uma falsa mudança.

Freud (1937, pp. 244, Vol. XXIII) diz: “Ao estudar desenvolvimentos e mudanças dirigimos nossa atenção unicamente para o resultado; desprezamos prontamente o facto de que tais processos são geralmente mais ou menos incompletos o que equivale a dizer que são, de facto, apenas alterações parciais.”

Ora, muitos dos mecanismos de defesa não são sequer tocados pela análise. No caso do ego estar sujeito a fortes forças instintivas, mesmo que seja um ego analisado, maduro, pode fraquejar – lembre as situações de guerra. O ego tenta controlar o instinto, mas fracassa, pois a transformação do mecanismo de defesa deu-se de forma incompleta ou não se deu. A vida psicológica é demasiado vasta para termos a onipotência de que nós grupanalistas somos perfeitos e não fraquejamos e, que conseguimos que os nossos grupanalisandos atinjam a *cura*, o que eles atingem é uma melhoria da qualidade das suas vidas, um fortalecimento, mas nunca uma perfeição.

Citando Freud (1937, pp. 264, Vol. XXIII): “o êxito [da análise]³ depende muito do analista ter aprendido o suficiente sobre os seus próprios ‘erros e equívocos’ e de ter levado a melhor sobre os pontos fracos da sua própria personalidade. (...) deve-se levar em conta não apenas a natureza do ego do paciente, mas também a individualidade do analista.”

Nesta citação, Freud refere-se ao analista como ser humano com defeitos e qualidades. Dá especial importância à saúde do analista, à sua formação, e à forma como deverá servir de modelo e até professor para o paciente. O AMOR À VERDADE, tal como nos ensina, é a base da relação grupanalítica, amor à verdade interna e externa.

A principal condição para se ser grupanalista é a de que existe um inconsciente, algo controverso, mas na realidade ainda não conhecemos grande parte do nosso funcionamento neurológico, nem temos consciência de tudo o que percebemos. À parte desconhecida chamamos inconsciente. A grupanalise pessoal, a formação teórica e a supervisão assentam sempre neste pressuposto. A

³ O que se encontra entre parêntesis rectos é da responsabilidade da autora.

continuação da evolução, maturação e transformação do ego, mesmo após o término da análise parece ser uma afirmação incontestável, mas sobre a qual incide a perlaboração do grupanalista.

Freud (1937, pp. 266, Vol. XXIII) refere: “Todo o analista deveria periodicamente – com intervalos de aproximadamente cinco anos – submeter-se mais uma vez à análise, sem se sentir envergonhado por tomar essa medida. Isso significaria, portanto, que não seria apenas a análise terapêutica dos pacientes, mas sua própria análise que se transformaria de tarefa terminável em interminável.” Esta é a análise interminável do grupanalista, o seu processo de perlaboração infundável conduzindo a constantes elaborações. Tal poderia ser operacionalizado através de grupos constituídos por grupanalistas titulares, com encontros regulares, onde se discutiriam casos – uma espécie de supervisão sem condutor.

Para Cortesão (1989, pp. 259), a interpretação e reconstrução são as armas para a perlaboração. Ora, o grupo também interpreta o grupanalista, o que o leva a pensar sobre a sua postura. Penso que a *reconstrução* é uma constante na vida de um grupanalista, a sua forma de estar no grupo, e fora dele, vai-se transformando ao longo dos anos, o grupanalista torna-se mais seguro e capaz após ter consolidado a sua identidade como grupanalista.

Sobre nós grupanalistas e sobre os nossos pacientes descobrimos pensamentos, raciocínios, conclusões, nas mais diversas circunstâncias. O setting não se restringe ao gabinete, está incorporado e mentalizado de tal forma que a nossa atenção se concentra, quer em vigília quer no sonho do sono, de vez em vez numa nova descoberta. Segundo Racker (1968, pp. 107 a 110) a neurose de transferência e de contratransferência tem origem no complexo de Édipo. Na contratransferência vários aspectos da situação edipiana são repetidos (tal como na transferência ainda que aqui sejam dirigidos ao analista): amor genital pelo paciente; rivalidade com o/a parceiro(a) do paciente; ciúmes e inveja hetero ou homossexual do prazer sexual do paciente; ódio; amor quando o paciente sofre; vingança; angústia de castração e; sentimentos de culpa. A atitude paranóide e fóbica estão sempre presentes na contratransferência. Nas alturas em que o analista toma consciência de que está sob influência de impulsos neuróticos, deve deixar para mais tarde a comunicação de qualquer interpretação, e se possível, até ao momento em que tenha analisado o seu estado e o tenha ultrapassado – perlaborado. Um indicador importante para sabermos quando estamos sob esse efeito neurótico é a compulsividade que o analista sente de necessidade imediata de interpretar. Por detrás desta compulsividade está o sinal de reacção neurótica: a ansiedade.

Após uma grupanálise, o modo como lidamos com a realidade, como lidamos com a imaturidade e os conflitos, muda porque durante a grupanálise houve mudanças, mas a realidade exterior e os outros não mudaram. No entanto, a nossa transformação permite uma nova interacção com o intra e intersíquico.

De acordo com Ralf Zwiebel (2007, pp. 3) a contribuição do analista para o trabalho analítico prende-se com: o desenvolvimento de uma posição analítica; o modo de pensar; a permissividade; o discernimento e transformações da compreensão; e a consciencialização da posição fóbica como expressão de atitudes defensivas da função do trabalho interno. “I am of the opinion that the analyst has to work through these individual components of the inner working function again and again (among other things as a form of re-working) as he in each session has to gather up the courage to function as the “guardian” of the analytic situation, i.e. has to have the courage to be an analyst.” (Zwiebel, R., 2007, pp. 3 baseando-se em Quinodoz, 2006).

No Vocabulário de Psicanálise (Laplanche, J. & Pontalis, J.-B., 1967/1976, pp. 429) *perlaboração* aparece como um processo analítico em que uma interpretação é integrada, o que conduz à supressão das resistências anteriormente existentes relativamente à interpretação em causa de um pensamento ou conduta. Desta forma, há o levantamento do recalco, e de mecanismos de defesa inconscientes, consciencialização do recalco e, conseqüente redução dos mecanismos que conduzem à repetição. Embora se trate de um processo, ou modo de operar psiquicamente, constante no decurso da grupalista/psicanálise, intensifica-se quando o paciente parece estagnado, sem evolução aparente, pois a resistência ao levantamento do recalco ainda está presente e qualquer interpretação não é incorporada ou mesmo mentalizada.

A perlaboração deverá ser entendida de um modo bipessoal/multipessoal no processo grupalístico, embora seja o grupalista ou o grupalizando que perlabora individualmente no seio do grupo ou fora deste. Se o analista não obtém sucesso na transformação do seu grupo ou dos elementos do grupo, tem a responsabilidade de se colocar em causa, perguntar-se sobre o porquê destas resistências contra a transformação dos insights, talvez ele próprio também esteja a resistir. Ao tomar consciência deste impasse, há que modificar a sua atitude principalmente ao nível das suas interpretações. Os pacientes estão constantemente a estimular o analista para perlaborar as suas próprias resistências, logo, adaptando o pensamento de Ralf Zwiebel (2007, pp. 8), devemos assumir que o trabalho em conjunto funciona para ambos os lados – grupalista/grupalizados. O autor (Ralf Zwiebel, 2007, pp. 11) propõe múltiplas bifocalidades no âmago da função do trabalho interior do analista. Tal conduz ao potenciamento do trabalho analítico dos diversos elementos em grupalista, o que pode ser observado como oscilações, equilibrando e transformando diferentes pólos: oscilação entre o processo primário e o processo secundário, entre pensamento de sonho e pensamento discursivo, entre actividade e passividade, entre deixar ir e agarrar, enfim, entre começar uma sessão e terminá-la.

O analista entra no interior dos pacientes e vice-versa, daí a necessidade de uma tolerância essencial para as situações problemáticas que surgem da interacção do interior do grupalista com o interior de cada um dos seus grupalizados. O grupalista, ao tirar notas, ao pensar com o seu supervisor, ou ao pensar nos seus próprios sonhos, tenta transformar as crises reveladas pelas situações problemáticas em algo compreensível, o que pode ser visto como um *working through* do grupalista, uma vez que as suas resistências estão sempre presentes nos momentos problemáticos, e temos como exemplo as partes conflituosas do grupalista, tal como os seus desejos e medos.

Para Ralf Zwiebel (2007, pp. 16) os sentimentos de culpa e medos inconscientes acompanham permanentemente o analista, tal como a falta de esperança. Trata-se de uma **posição fóbica** do analista que representa uma resistência à função do trabalho interior. Como manifestações da posição fóbica, o autor descreve as seguintes constelações: atitude contrafóbica, polarização da posição analítica para uma identificação maciça ou para uma defesa contra a empatia, rigidez técnica, negação da *situação problemática*, intolerância à incerteza, perplexidade e não entendimento, fortes defesas contra os afectos, actuação repetitiva e, em geral, um contexto problemático. O autor sugere que o analista comum, ao lidar com os seus pacientes no dia-a-dia, com o trabalho analítico, de sessão para sessão, confronta-se constantemente com a controvérsia entre a realização ou actuação da sua função de trabalho interior e uma atitude fóbica permanente, o que se relaciona com os efeitos do **inconsciente dinâmico** – actividade do inconsciente com os seus conflitos e desejos, e também com **inconsciente emocional** que se relaciona com a capacidade de mudança para o sonho como actividade e, transformação da experiência emocional em pensamento. Os resultados do trabalho psíquico do inconsciente emocional são ideias, imagens, sentimentos,

memórias capazes de entrar no consciente podendo deste modo ser processadas num grau mais elevado do consciente, embora muitas vezes constituam o núcleo do conflituoso inconsciente dinâmico. A parte que não se consegue tornar consciente está em constante laboração no analista e nos pacientes e fica recalcada ou desvia-se para uma outra via psíquica sob a forma de defesa. O que se torna consciente permite novos insights e compreensão.

O autor propõe que o analista tem de trabalhar repetidamente a sua posição fóbica de forma a tornar consciente as suas resistências contra a função do trabalho interno. Este working through deverá ter lugar durante a sessão ou no re-working, isto é após a sessão. É uma experiência impressionante quando após as sessões, enquanto se tiram notas, subitamente o analista toma consciência de um procedimento técnico repetitivo, ou de um espaço interior que colapsou, desabou, explodiu, durante a sessão e de repente retorna. Desta forma é possível dar-se conta do que ocorreu durante o encontro interpessoal e reflectir sobre o impacto dos pacientes e da situação grupanalítica.

Para Ralf Zwiebel (2007, pp. 17) a maior contribuição do analista para o trabalho com os seus pacientes é o working through da **posição fóbica**.

O Grupanalista deverá possuir bilhete de ida e volta para a sua própria *loucura* e para visitar a *loucura* dos pacientes. César Vieira Dinis (2000, pp. 54) afirma: “A regressão, fomentada e encorajada para o paciente, constituirá o seu risco e privilégio, enquanto que a eventual regressão do analista terá de ser efémera, com bilhete de ida e volta precomprado e aquele obriga-se a encontrar o caminho de retomo com os seus exclusivos recursos.”. O contacto entre inconscientes pode ser, e a maior parte das vezes é, difícil e angustiante. O distanciamento necessário para a não colagem à loucura, isto é ao processo de funcionamento primário é um método que se aprende ao longo da prática analítica/grupanalítica. O envolvimento do grupanalista com os seus pacientes tem duas vertentes importantes, a saber:

- Por um lado é positivo para os grupanalizados pois permite uma melhor compreensão e consequente transformação;
- Por outro lado é penoso para o analista efectuar a separação entre o que é seu e o que é dos pacientes. Caso fique ligado ao material exposto numa dada sessão não conseguirá prosseguir com assepsia o seu trabalho diário. Há que guardar numa caixinha mental o material que o afligiu, entrar numa nova realidade, e enfrentar uma nova relação na sessão que se segue. A seu tempo abrirá a caixinha e tentará compreender o seu conteúdo.

Em súpula, o grupanalista está exposto ao material dos pacientes, identifica-o com o seu material interno, faz um movimento de separação do seu material o que lhe possibilita trabalhar o material dos seus analisandos. O material inquietante deverá ser elaborado ao máximo: 1º) pensando sobre ele e sentindo-o; 2º) compreendê-lo; 3º) perlaborá-lo; 4º) elaborá-lo; 5º) rearmá-lo; 6º) utilizá-lo para novas aprendizagens pessoais o que permite ao grupanalista modificar a forma como lida com os seus pacientes.

Há que adquirir a postura de *um passo à frente e dois atrás*. *Dois atrás* porque *um* será para voltar à posição de grupanalista com a devida distância dos pacientes e *o segundo* para se encontrar consigo próprio e com a sua vida pessoal.

O analista não está mais no seu *trono representando um saber estático*. A sua dinâmica interna interage com a dinâmica dos analisandos e, a evolução de uns é também a evolução do analista. Afinal, a *partilha* no grupo é total e, todas as trocas visam a cura, a melhoria e aquisição de novas

competências. Na base desta transformação está a perlaboração de todos os elementos do grupo, donde se deduz a perlaboração do próprio grupanalista.

REFERÊNCIAS

CORTESÃO, E. L. **Grupanálise. Teoria e Técnica.** 2ª Edição, Lisboa: Edição da SPG., 2008. p 259.

DINIS, C. V. Desejo e perda na contratransferência. **Revista Portuguesa de Grupanálise**, Lisboa; no 1, p 54, 2000.

FREUD, S. (1937). **Análise Terminável e Interminável.** In J. Strachey, Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. XXIII). Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996. v XXIII pp. 235-266.

LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J.-B. **Vocabulário de Psicanálise.** 3ª Edição. Lisboa: Moraes Editores, 1976. p429.

RACKER, H. **Transference and Countertransference.** 5th Edition. London: H. Karnac (Books) Ltd, 2002. pp. 107-110

ZWIEBEL, R. On the psychic work of the analytic couple: working up – working through – re-working. **Lecture at the IPA Congress on 28/7/2007.** Berlin: IPA 2007. P3-11.